

Os Judeus de Itapicuru

Francisco Antonio Doria

Tudo começou numa noite, numa madrugada de insônia. Acordei meio ansioso pelas duas da manhã, tomei um copo de leite, e fui catar um livro que me adormecesse de novo. Peguei os *Longos Serões do Campo*¹, de **Ana Ribeiro de Gois Bittencourt** (1843-1930), um diário da vida nos fundões da Bahia, no século XIX; gente de Itapicuru, na divisa com Sergipe, tudo perto do rio Real. Souzas Dantas, alguns Araújo Gois, Ribeiros. Lugar de onde veio minha família paterna, Costa Doria.

Abro ao acaso. E tomo um susto: leio a história dos “*judeus de Itapicuru*”:

“*Estabeleceram-se em Itapicuru uma família que diziam, não sei se com fundamento, ser de origem judaica. No entanto, todos dessa família se batizavam, ouviam missa e não desprezavam prática alguma do culto externo. Não impedia isso de correrem boatos de que eles, no interior de suas casas, maltratavam as imagens de Cristo, de Nossa Senhora e outras, tornando-se de tal modo réus dos ridículos crimes atribuídos em Portugal aos chamados cristãos-novos. [...]*

Uma senhora dessa família usava saia mais comprida do que era então moda. Uma sua comadre perguntou-lhe a razão de tal esquisitice.

— *Ora, comadre, se eu bem ando, bem arrasto.*

A mulher, suspeitosa, pesquisou-lhe às ocultas a bainha da saia e aí encontrou um crucifixo entre os dois forros! A judia comprazia-se em arrastar o Cristo pelo chão. Um outro mandou um seleiro consertar um selim; achou este, no suadouro, um crucifixo. Horrorado, mostrou-o ao homem, que disse:

— *Não foi por desacato que meti aí essa imagem; foi porque me disseram ser bom para que sarasse de uma doença de que soufiro.*

Os meninos, não chegados à idade de ocultar, segundo as insinuações dos pais, suas irreverências pelas coisas sagradas, cuspiam nas cruzes e imagens santas que lhes davam a beijar.

Ora, dizia-se, e com razão, que tal gente era de caráter baixo, e que as mulheres, quase todas bonitas, não primavam por honestidade. Penso que a aversão de que se via cercada essa raça [os judeus] concorria para isso.” ...

“Alguns membros dessa família, enquanto eram dotados de inteligência e atividade, tinham adquirido bens avultados, e um deles, julgando-se por isto autorizado a ter mais altas vistas — costumavam casar entre si — pediu uma filha de Luiz de Almeida Maciel. Foi rejeitado com insolência. Dizia o orgulhoso fazendeiro que preferia ver a filha casada com um negro, ou morta. [...] A jovem senhora, fugindo do teto paterno, casou com o mancebo da raça maldita. Embora a desonra não houvesse manchado os brios da honesta família, o pai não perdoou. Ele e toda a família vestiram rigoroso luto, como se fora morta a desobediente filha.”

(Essa filha renegada foi D. **Ana de Almeida**, casada com **Inácio Mendes de Vasconcellos**.)

Bom, os ditos judeus de Itapicuru eram todos meus parentes, e bem perto. Vi deles a lista no livro, os desafetos de Luiz de Almeida Maciel: **Martinho Afonso de Mendonça**, **Sebastião Mendes de Vasconcellos**, **Inácio Mendes**.

Não consegui dormir. Fiquei, claro, irritadíssimo com esse texto tão preconceituoso no meio de uma crônica no entanto e no geral deliciosa, sobre a vida privada na Bahia do século XIX; memórias tão gostosas de se ler. Um texto surpreendente no preconceito, culminando com a denúncia de mau comportamento no plano sexual — mulheres, quase todas bonitas, que não primavam pela honestidade.

O que conheço de minha família paterna, veio-me do que me contava meu pai, e depois do que me contaram dois tios-avós. Meu

pai conhecia as coisas de maneira vaga mas veraz; sempre me dizia, “*o nome da família era Mendonça, e puseram Doria porque era mais bonito.*” Meu tio-avô **Luiz Moitinho Doria**, advogado com banca em São Paulo, tomou-se de encantos por mim (era seu sobrinho-neto caçula), e sempre me procurava, a mim, garoto na adolescência, quando vinha ao Rio, acompanhado por sua segunda mulher, italiana e vistosa. Me trazia presentes estapafúrdios e carinhosos: uma vez me deu uma bola de futebol; outra vez, uma coleção de encíclicas papais, com dedicatória e tudo (e Luiz era agnóstico!)

Nos encontramos pela última vez em meados de 1962. Fomos para o bar no topo do hotel onde costumava se hospedar, na Av. Atlântica; era de tarde, dia lindo de julho ou agosto no Rio, e no meio das coca-colas e sanduíches Luiz me falava da sua infância, nos fins do século XIX, em Sergipe, junto com meu avô paterno, vinte anos mais velho, pois Luiz era o caçula da família como eu, duas gerações depois. E me contou então do avô, meu trisavô, **José da Costa Doria**, e de sua mulher, D. **Helena Mendes**, falecida moça, mulher que deixou memória, aos filhos menores, inda tudo criança quando morreu, lembrança de ter sido muito bonita.

Seu nome passou à minha tia-avó Helena, irmã de Luiz, que quando nasceu meu primeiro filho, foi visitá-lo, como para passar o bastão da geração mais antiga da família para a nova geração ali começando.

O pai de José era um boiadeiro, Manuel; e Helena — referia-se a ela, meu tio Luiz, como “Dona Helena” — a trisavó, a trisavó moça bonita, era parente do marido. Isso o que sabia, e o que me ficou e que, depois, pude comprovar na papelada.

Nada sobre seu judaísmo. Não existiam segredos na família; pecadilhos amorosos de meio século antes, na minha infância, dos parentes mais velhos, eram comentados com certa indulgência. Também se falava sem inibições na avó — uma de minhas tetravós — negra, que vivia com um padre em Sergipe, o tetravô nesse lado, e que nos dera a todos a cor bronze de nossas peles. (Bom, tinha gente na família que não gostava da história da mulher do cônego, mas garanto que era minoria.)

Nada sobre os judeus de Itapicuru. Tenho certeza que se papai ressuscitasse e perguntasse a ele a respeito, me faria cara de espanto.

Minha trisavó Dona Helena, era **Helena Mendes de Vasconcellos**, ou Helena Bernardina de Souza Mendonça. Casou com um parente (já explico o parentesco) José da Costa Doria, por volta de 1830, não tenho a data precisa, mas sei que o filho primogênito do casal, **Manuel Mendes da Costa Doria**, nasce em 1831. Dona Helena era filha do tabelião de Itapicuru, **Antonio Ponciano de Souza Mendonça**, nascido em 1792 e lá falecido em 1874, e neta paterna de **Cristóvão da Costa Doria**, quinto do nome no Brasil, e de D. **Maria Francisca de Souza**, que suponho do clã de onde surgem os Souzas Dantas.

(Era gente de memórias longas: o primeiro Cristóvão, ainda na Europa, Cristóvão Doria, fora um navegador nascido nos Algarves, filho de um dos banqueiros de Colombo, o genovês Francesco Doria.)

Mas, e os judeus?

Calma, lá chegamos. E’ uma trapalhada genealógica, que tento resumir. O sangue judeu vem também de longe; é notório e, num certo sentido, ilustre, na Bahia dos seiscentos.

Em 1672 é admitido como irmão de maior condição na Santa Casa da Misericórdia da Bahia, **Martim Afonso de Mendonça**, fidalgo da casa real, senhor de engenhos no Recôncavo da Bahia. Casara-se em 1665 com sua terceira mulher, D. **Joana Barbosa**, nas suas terras do Monte Recôncavo. Têm vários filhos. O primogênito chama-se **Cristóvão da Costa Doria**, e deve nascer logo depois do casamento dos pais. O seu nome lembra um bisavô, avô materno de Martim Afonso, primeiro dos Cristóvãos na Bahia, filho de **Fernão**

Vaz da Costa e de **Clemenza Doria** (neta do Francesco Doria lá de cima). Casa-se o segundo **Cristóvão** em 1692 com D. **Catarina de Vasconcellos**, filha de **Manuel Mendes de Vasconcellos**. Já os acompanhamos.

Um filho do meio será **Gonçalo Barbosa de Mendonça**, capitão de cavalos e lavrador de canas, que, de seu casamento tardio em 1716, com D. **Antonia de Aragão Pereira**, terá, entre outros filhos, a mais um Cristóvão, o terceiro na terra, **Cristóvão da Costa Barbosa** em diferença ao tio paterno. Será este novo Cristóvão o avô paterno de José, marido de Helena.

Manuel Mendes de Vasconcellos, sogro do Cristóvão que se casa em 1692, deixou poucos traços documentais. Mas podemos com certeza filiá-lo, ainda que talvez bastardo, num homônimo que luta contra os holandeses em Pernambuco e na Bahia, em 1630, 1635. Matias de Albuquerque dá ao primeiro Manuel Mendes elogios a fé de ofício. Era irmão de um herói português da restauração dos Braganças em 1640, o general **Joane Mendes de Vasconcellos**, e descendiam ambos de um ramo da família dos Vasconcellos, ditos os “*Vasconcellos do Esporão*,” senhores do morgadio do Esporão. Dessa gente velha seguirá o nome Mendes de Vasconcellos, até os judeus de Itapicuru.

Cujo sangue judaico — chegamos agora ao judaísmo dessa gente — vem-lhes de três famílias lá fixadas, na Bahia, desde fins do século XVI, os Carvalhos Pinheiros, os Paredes e os Azevedos.

São mais conhecidos os Paredes, que provêm de um judaizante notório, **Manuel de Paredes da Costa**, blasfemo e desabusado; e ao largo de quem, surpreendentemente, passa a inquisição baiana, sem incomodá-lo embora o denunciem. (Seus parentes no Rio, em princípios do século XVIII, os Paredes de Barros, não vão ter tanta sorte.) Um Carvalho Pinheiro, **Antonio Pinheiro de Carvalho**, é acusado de ser “*de nação*,” apesar de ocupante de alto cargo na administração da colônia, em 1635. **Rui de Carvalho Pinheiro**, seu sobrinho, cunhado do padre **Antonio Vieira**, é personagem de um episódio quase lendário algo bizarro, de blasfêmia contra Nossa Senhora.

Os Azevedos provêm de **Cristóvão Gonçalves**, casado com **Maria de Azevedo**, meados do século XVI. O filho do casal, **Francisco de Azevedo**, primeiro do nome, com 26 anos em 1592, acusa-se de heresia junto a **Diogo de Pina** e **Miguel Gomes Bravo**, judaizantes notórios. Não se declara cristão-novo, mas anda com os ditos e como tal se comporta.

Neto do casal Cristóvão Gonçalves e Maria de Azevedo será o mestre-de-campo **Álvaro de Azevedo**, que brevemente governa o Brasil numa junta com **Antonio Guedes de Brito**, em fins do século XVII, e que aparece com destaque nos conflitos que envolvem o governador **Braço de Prata** e o alcaide-mor da Bahia, **Francisco Telles de Menezes**, assassinado em 1682.

Tudo gente de prole, e com bem mais do que uma gota de *sangue infecto*, para usarmos a linguagem dos inquisidores. Martinho Afonso de Mendonça, neto do fidalgo homônimo e filho de Cristóvão da Costa Doria e de D. Catarina de Vasconcellos, casa-se com a prima D. **Leonor Francisca de Menezes**, filha de Nicolau de Carvalho Pinheiro, e aqui chega a esta família o sangue de Paredes, Azevedos e Carvalhos Pinheiros.

O filho do casal, **Antônio Sotério de Vasconcellos**, fixa-se em Itapicuru, onde tem terras e cria gado. É o tronco da família dos judeus de Itapicuru. Bisavô paterno de minha trisavó, Dona Helena.

Tudo bom. Vem daí o sangue judeu. Mas, e a prática judaica? Eram, de fato, cripto-judeus?

Conversei primeiro com um grande, querido, e lastimado amigo, **José Gabriel Calmon da Costa Pinto** (1936-2002). Zé Gabriel — vocês vêem Zé Gabriel citado nos agradecimentos de livros de Stuart Schwartz, Kátia Mattoso, e quem mais falou e escreveu sobre a Bahia colonial nestes últimos trinta anos — e Zé Gabriel, que sabia de toda a *petite histoire* baiana, me disse que nunca ouvira falar a respeito. Falei com muita gente em Salvador, ligada ao povo de Itapicuru, e também — nada. Meu pessoal que, como disse, nunca escondeu as coisas, também nunca fez qualquer referência a práticas judaizantes tão perto, na família imediata.

No entanto, creio que o testemunho de Ana de Gois Bittencourt é de certo modo, definitivo e conclusivo. Muito do que diz sobre minha família — casavam-se entre si, eram gente de recursos — comprovei nas fontes documentais. Não tenho, infelizmente, retratos das mulheres desse lado da família, mas, como disse, ouvi falar sobre a beleza de minha trisavó, que morreu moça, antes dos quarenta anos. Sobre os pecadilhos sexuais, bom, lembremos Barleus, *peccatus non datur infra aequinoxialem*, não existe pecado debaixo do Equador... Ilegitimidades, bastardias, casos de paixão: disso está cheia a Bahia colonial; e, com certeza, também a história de Portugal.

O que fica, então?

Primeiro, tinham há muito fama de judaizantes, esses meus antepassados. Nem sempre correta: li, num familiarato da inquisição de começos do século XVIII, que os ancestrais de Martim Afonso de Mendonça, que citei acima, o primeiro do nome, associado do detestável governador Antonio de

Sousa de Menezes, o *Braço de Prata*, eram cristãos-novos.

Mas o próprio inquisidor corrige os rumores: Martim Afonso de Mendonça não tinha nada de judaizante.

Bom, esse não era, mas sua nora D. Antonia de Aragão Pereira já descendia dos Carvalhos Pinheiros. Portanto, viraram todos judaizantes na analogia, ou, na cabeça da gente do século XVIII, na contaminação do casamento, do parentesco afim.

Duas gerações depois, acabam quase todos descendendo dos Carvalhos Pinheiros, Paredes, e tanto mais. O lado da família que permanece no Recôncavo vê aos poucos essas memórias de preconceitos e perseguições se esbaterem, no passado que se vai fazendo mais e mais distante.

Mas o ramo que passa a Itapicuru é gente nova no local, e que ameaça, talvez pelo prestígio que tem na administração colonial, os senhores de terras mais antigos na região. Redescobrem-se os antigos rumores; e juntando-se isso a práticas judaizantes prováveis, muito plausíveis, talvez remanescentes fossilizados na memória privada, íntima, da família, dos hábitos religiosos de antepassados, como o uso da roupa nova no sábado, o jogar-se fora a água dos cântaros quando da morte de alguém na casa, o guardar-se o Dia Grande da Rainha Ester, e daí surge toda a história dos judeus de Itapicuru.

Nota

1. Ana Ribeiro de Goes Bittencourt, **Longos Serões do Campo**, vol. 1, Nova Fronteira, RJ, pp. 90-2.

Francisco Antonio de Moraes Accioli Doria, descendente dos judeus de Itapicuru, é sócio honorário da SGJB e professor titular aposentado da UFRJ. Ocupante da cadeira nº 18 do Colégio Brasileiro de Genealogia.